

GT17: Sociologia da sociologia

Coordenação: Carlos Benedito Martins (UnB), Lidiane Soares Rodrigues (UFABC/UFSCar), Rodrigo da Rosa Bordignon (UFSC)

Descrição: Sociologia da sociologia” reúne pesquisas a respeito das condições de formação, consolidação e diversificação da sociologia e das ciências humanas (em seus diferentes ramos disciplinares, como filosofia, antropologia, ciência política, história, demografia). O GT pretende receber estudos sobre perfis, trajetórias, instituições, obras e tradições inscritas em diferentes configurações históricas – estimulando enquadramentos múltiplos do ponto de vista da geopolítica do conhecimento e do ângulo metodológico. Neste sentido, tem reunido pesquisas que tratem: 1) da construção institucional (universidades, organismos transnacionais, agências de avaliação, associações profissionais); 2) das modalidades de comunicação científica (divulgação, periodismo, editoras); 3) dos perfis intelectuais, carreiras, hierarquias e formas de legitimação; 4) das concepções conflitivas do trabalho intelectual; 5) da circulação nacional e internacional de pessoas e bens simbólicos.

PROPOSTA

Título: Reavaliando o uso feito por Émile Durkheim de dados estatísticos sobre suicídio: formas de apresentação e erros de cálculo

Title: Reassessing Émile Durkheim's use of statistical data on suicide: forms of presentation and miscalculations

Autores: Pedro P. Ferreira e Ester B.V. Dias.

RESUMO

(1347 caracteres)

Esta apresentação se voltará para um ponto bastante específico da obra de Émile Durkheim: o uso que ele fez de dados estatísticos sobre suicídio, em especial na Introdução ao seu livro *O suicídio*. Em nosso próprio estudo dessa obra, chamaram a atenção dois pontos: a preferência do autor de apresentar seus dados na forma de tabelas, e não de gráficos; e a existência de erros de cálculo nessas tabelas, que apesar de não comprometerem os argumentos do autor, passaram surpreendentemente despercebidos pela literatura especializada. Abordaremos ambos os pontos a partir dos 3 Quadros apresentados na Introdução da obra. Primeiro, perguntando-nos por que Durkheim preferiu apresentar seus dados estatísticos na forma de tabelas, e não de gráficos, apresentaremos gráficos para os 3 Quadros, concluindo que, em todos os casos, os argumentos de Durkheim parecem ser melhor evidenciados na forma de gráficos do que de tabelas. Depois, diante da identificação de inconsistências e erros de cálculo no Quadro II, chegamos à surpreendente conclusão de que quase todos os valores apresentados na parte C do Quadro II estão errados. Terminamos constatando que, apesar de tais erros terem aparentemente passado despercebidos pela literatura especializada, é importante identificá-los e oferecer os valores corretos para os cálculos realizados por Durkheim.

RESUMO EXPANDIDO

(8598 caracteres)

É bastante conhecido o estatuto ambíguo da obra de Émile Durkheim no campo sociológico brasileiro: por um lado, ele é frequentemente reduzido a um conservador positivista ultrapassado; mas por outro, e em aparente contradição com isso, ele figura como leitura obrigatória (ao lado de Karl Marx e Max Weber) em quase todo curso ou livro didático introdutório às ciências sociais. Em consonância com o movimento mais recente de reconhecimento da relevância de sua obra e de

resgate de suas ideias (ver Oliveira e Weiss 2011; Magnelli et al. 2018), esta apresentação se voltará para um ponto bastante específico de seu trabalho: o uso que ele fez de dados estatísticos sobre suicídio, em especial na Introdução ao seu livro *O suicídio*.

Em nosso próprio estudo dessa obra, chamaram a atenção dois pontos: a preferência do autor de apresentar seus dados na forma de tabelas, e não de gráficos; e a existência de erros de cálculo nessas tabelas, que apesar de não comprometerem os argumentos do autor, passaram surpreendentemente despercebidos pela literatura especializada. Abordaremos ambos os pontos a partir dos três Quadros apresentados na Introdução da obra.

Na Introdução a *O suicídio*, Émile Durkheim apresentou 3 Quadros que tiveram uma função clara na construção de seu argumento. Primeiro, com o Quadro I, Durkheim buscou evidenciar, por meio de séries temporais de números de mortes por suicídio em 6 países ou regiões diferentes da Europa entre 1841 e 1872, que *cada país é caracterizado por um número distinto, e notavelmente constante* – com “ondas de movimento” e “anos excepcionais” – *de suicídios*. Depois, com o Quadro II, Durkheim buscou demonstrar – com dados referentes à França entre 1941 e 1860 – que *a variação da taxa de suicídio é significativamente menor e mais estável* do que a variação da taxa de mortalidade em geral. Por fim, com o Quadro III – onde são apresentadas as taxas de suicídio de 11 países ou regiões diferentes da Europa entre 1866 e 1878 –, Durkheim (2000:415) buscou consolidar o fato de que *“a taxa social de suicídios é um traço distintivo de cada personalidade coletiva”*. Surge então a primeira pergunta: por que Durkheim preferiu apresentar seus dados estatísticos na forma de tabelas, e não de gráficos?

Diante da constatação da “prevalência de tabelas como principal meio de apresentação de dados na maioria das revistas de Ciências Sociais”, Laurence D. Smith et al. (2000:84-5, 91 nota 48) verificaram que, se por um lado “gráficos desempenham o papel crucial de estabilizar fatos e relacionar dados e formulações teóricas”, por outro “tabelas, o modo comum de apresentação de dados nas ciências humanas, geralmente não têm essa capacidade”. Tabelas, segundo eles, são “inefizes para a percepção, retoricamente não convincentes e frequentemente ‘perfeitamente indecifráveis” (Smith et al. 2000:85). Martin Kemp (2014:344), após assumir que “tabelas extensas de números impressionam”, constata que “é necessário extremo esforço da parte do leitor para atravessar cada uma dessas tabelas, para replicar seus achados, e ainda mais para revisar os pressupostos iniciais”. Em seu estudo sobre a iconografia de textos científicos, François Bastide (1990:214) constatou que a presença maior de gráficos, em comparação com tabelas, é um possível índice de cientificidade. Ele afirmou que artigos de ciências naturais apresentam mais gráficos do que tabelas, concluindo que “o gráfico é provavelmente mais ‘convicente’ porque ele economiza o tempo e a atenção do leitor”, dado que “o gráfico pode ser interpretado de uma só vez, enquanto a tabela exige que comparemos dados e realizemos mentalmente algumas subtrações, adições, multiplicações e divisões”.

Se, como na expressão profunda de Greg Myers (1990:243), tabelas são “dados em busca de curvas [*data points looking for curves*]”, então quais seriam as “curvas” buscadas pelas tabelas apresentadas nos 3 Quadros apresentados na Introdução a *O suicídio*? Como podemos verificar nas Figuras 1 a 3 abaixo, em todos os casos, os argumentos de Durkheim parecem ser melhor evidenciados na forma de gráficos do que de tabelas.

Por ser aparentemente o mais complexo dos 3 Quadros apresentados na Introdução do livro, e por envolver uma maior quantidade de cálculos, o Quadro II chamou nossa atenção, levando ao segundo ponto de nossa apresentação.

Analisando a parte A do Quadro II, percebemos: que os 18 anos do intervalo temporal considerado foram distribuídos desigualmente em 3 períodos de 6, 7 e 5 anos; e que foram omitidos da amostra os valores referentes aos anos 1847 e 1848. Quais teriam sido os motivos dessa distribuição desigual dos anos, e dessa omissão de dois anos da amostra? Mesmo que seja possível interpretar a distribuição desigual dos 18 anos nos 3 períodos à luz da ideia durkheimiana de “ondas de movimento”, e mesmo que a omissão dos valores referentes a 1847 e 1848 possa ser interpretada à luz da avaliação durkheimiana de que esses teriam sido “anos excepcionais”, nenhuma das duas interpretações é confirmada explicitamente por Durkheim, e tampouco nos parece plenamente satisfatória.

Tentando refazer os cálculos que conduzem à parte B do Quadro II, nos surpreendemos novamente: percebemos que muitos dos valores obtidos não correspondem exatamente aos valores apresentados por Durkheim, como se a maior parte dos valores apresentados tivesse sido arredondada, sem critério uniforme, mas sempre para baixo (sentido que mais favorece a sua tese). Além disso, percebemos também que a inclusão, ou não, de uma casa decimal aos valores apresentados, não segue nenhum critério claro ou explícito.

QUADRO I
Constância do suicídio nos principais países da Europa
(números absolutos)

Anos	França	Prússia	Inglaterra	Saxônia	Baviera	Dinamarca
1841	2.814	1.630		290		337
1842	2.866	1.598		318		317
1843	3.020	1.720		420		301
1844	2.973	1.575		335	244	285
1845	3.082	1.700		338	250	290
1846	3.102	1.707		373	220	376
1847	(3.647)	(1.852)		377	217	345
1848	(3.301)	(1.649)		398	215	(305)
1849	3.581	(1.573)		(328)	(189)	337
1850	3.596	1.736		390	250	340
1851	3.598	1.809		402	260	401
1852	3.676	2.073		530	226	426
1853	3.415	1.942		431	263	419
1854	3.700	2.198		547	318	363
1855	3.810	2.351		568	307	399
1856	4.189	2.377		550	318	426
1857	3.567	2.038	1.349	485	286	427
1858	3.903	2.126	1.275	491	329	457
1859	3.899	2.146	1.248	507	387	451
1860	4.050	2.103	1.365	546	387	451
1861	4.454	2.185	1.347	(643)	339	468
1862	4.770	2.112	1.317	557		
1863	4.613	2.374	1.315	645		
1864	4.521	2.263	1.340	(645)		411
1865	4.946	2.361	1.392	619		451
1866	5.119	2.483	1.329	704	410	448
1867	5.011	3.625	1.316	752	471	469
1868	(5.547)	3.658	1.508	800	453	498
1869	5.114	3.544	1.588	710	425	462
1870		3.270	1.554			486
1871		3.135	1.495			
1872		3.467	1.514			

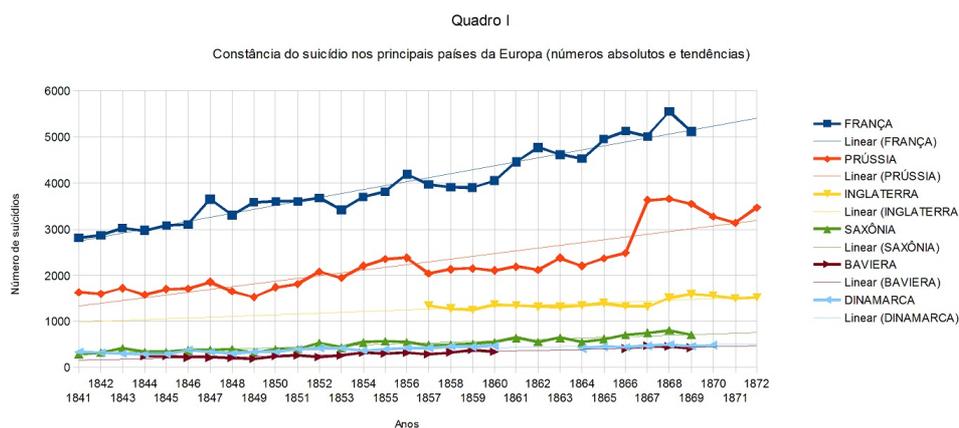


Figura 1 – Quadro I de *O suicídio* e seu gráfico correspondente. Fontes: Durkheim (2000:18) e elaboração própria.

QUADRO II

Variações comparadas da taxa de mortalidade-suicídio e da taxa de mortalidade geral

Período 1841-46	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes	Período 1849-55	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes	Período 1856-60	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes
-----------------	----------------------------------	-----------------------------	-----------------	----------------------------------	-----------------------------	-----------------	----------------------------------	-----------------------------

A – Números absolutos

1841	8,2	23,2	1849	10,0	27,3	1856	11,6	23,1
1842	8,3	24,0	1850	10,1	21,4	1857	10,9	23,7
1843	8,7	23,1	1851	10,0	22,3	1858	10,7	24,1
1844	8,5	22,1	1852	10,5	22,5	1859	11,1	26,8
1845	8,8	21,2	1853	9,4	22,0	1860	11,9	21,4
1846	8,7	23,2	1854	10,2	27,4			
			1855	10,5	25,9			
Médias	8,5	22,8	Médias	10,1	24,1	Médias	11,2	23,8

B – Taxa de cada ano expressa em função da média reduzida a 100

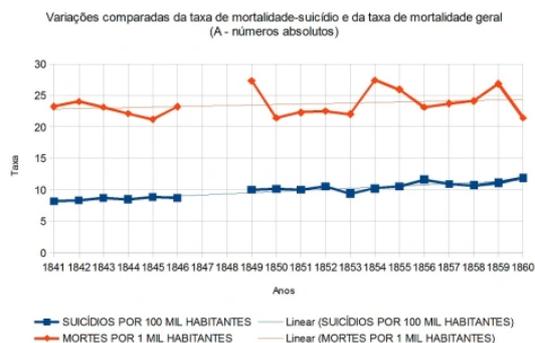
1841	96	101,7	1849	98,9	113,2	1856	103,5	97
1842	97	105,2	1850	100	88,7	1857	97,3	99,3
1843	102	101,3	1851	98,9	92,5	1858	95,5	101,2
1844	100	96,9	1852	103,8	93,3	1859	99,1	112,6
1845	103,5	92,9	1853	93	91,2	1860	106,0	89,9
1846	102,3	101,7	1854	100,9	113,6			
			1855	103	107,4			
Médias	100	100	Médias	100	100	Médias	100	100

Entre dois anos consecutivos			Acima e abaixo da média	
Diferença máxima	Diferença mínima	Desvio médio	Máximo abaixo	Máximo acima

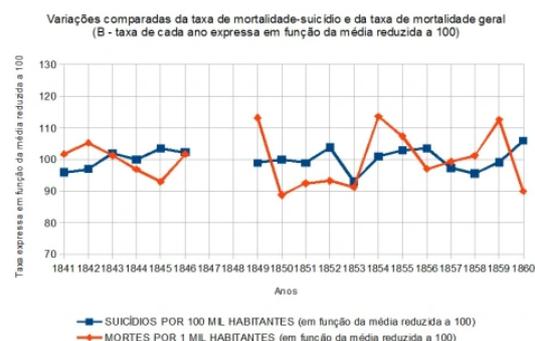
C – Tamanho da diferença

PERÍODO 1841-46:					
Mortalidade geral ...	8,8	2,5	4,9	7,1	4,0
Taxa de suicídios ...	5,0	1	2,5	4	2,8
PERÍODO 1849-55:					
Mortalidade geral ...	24,5	0,8	10,6	13,6	11,3
Taxa de suicídios ...	10,8	1,1	4,48	3,8	7,0
PERÍODO 1856-60:					
Mortalidade geral ...	22,7	1,9	9,57	12,6	10,1
Taxa de suicídios ...	6,9	1,8	4,82	6,0	4,5

Quadro II (a)



Quadro II (b)



Quadro II (c)

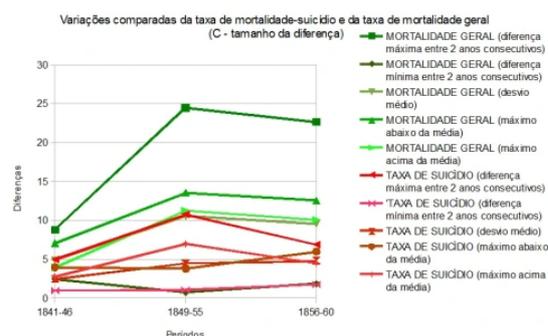


Figura 2 – Quadro II de *O suicídio* e gráficos correspondentes às suas partes A, B e C. Fontes: Durkheim (2000:21) e elaboração própria.

Por fim, tentando refazer os cálculos que conduzem à parte C do Quadro II, constatamos, já sem muita surpresa, que a grande maioria dos valores obtidos não corresponde exatamente aos valores apresentados por Durkheim – não apenas por erros derivados dos erros anteriores, mas também por arredondamentos sem padrão (dessa vez para cima e para baixo), e pela aparente troca de valores entre colunas, como se Durkheim tivesse se confundido ao preencher os campos (ver Figura 4).

Nos parece surpreendente a ausência quase completa de menção a esses erros na grande quantidade de diferentes edições de *O suicídio* aqui conferidas (i.e.: Durkheim 1897, 1928, 1951, 1971, 1977, 1982, 1990, 1995, 2000, 2002, 2005, 2007a, 2007b, 2012, 2013 e 2016), e de

publicações dedicadas ao livro que pudemos conferir (i.e.: Baudelot e Establet 2011; Cardim 2000; Easthope 2017; Establet 2009; Ferreira de Vares 2017; Halbwachs 1930; Harriford e Thompson 2008; Lester 1994; Melo et al. 2014; Nunes 1998; Pickering e Walford 2000; Selvin 1958; Taylor 1982; Wray et al. 2011). A única exceção a essa regra foi uma nota de rodapé que a tradução argentina da Schapire Editor (realizada por Lucila Gibaja) incluiu na parte C do “Cuadro II” (ver Durkheim 1971:18, *Nota del E.*), que apesar de ter identificado algumas das inconsistências presentes nessa parte do Quadro II, parece ainda repetir alguns erros de Durkheim, e também não menciona as inconsistências da parte B. Assim, mesmo quando os erros foram percebidos, não receberam a devida atenção.

QUADRO III
Taxa de suicídios por milhão de habitantes nos diferentes países da Europa

	Período 1866-70	1871-75	1874-78	Números de ordem no		
				1º período	2º período	3º período
Itália	30	35	38	1	1	1
Bélgica	66	69	78	2	3	4
Inglaterra	67	66	69	3	2	2
Noruega	76	73	71	4	4	3
Áustria	78	94	130	5	7	7
Suécia	85	81	91	6	5	5
Baviera	90	91	100	7	6	6
França	135	150	160	8	9	9
Prússia	142	134	152	9	8	8
Dinamarca	277	258	255	10	10	10
Saxônia	293	267	334	11	11	11

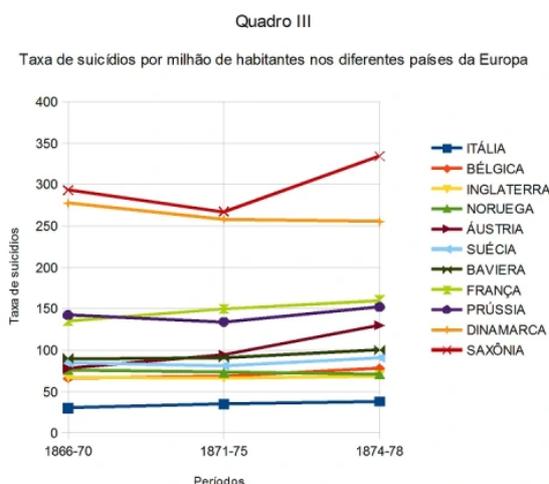


Figura 3 – Quadro III de *O suicídio* e gráfico correspondente. Fontes: Durkheim (2000:23) e elaboração própria.

Diante desse cenário, foi com certo alívio que encontramos o comentário crítico de Barclay D. Johnson à sua própria tradução de um texto de Durkheim sobre suicídio, anterior ao livro de 1897, i.e.: “Suicide et natalité: étude de statistique morale” (Durkheim 1888). Em sua tradução desse texto, Johnson (1994:122, 183) chega a corrigir alguns valores de um dos quadros do texto, afirmando que “parecem ter sido mal calculados”, e que “foram substituídos por valores corretos”, concluindo que “suas tabelas contêm alguns títulos errados, e muitos valores nelas foram mal calculados”. Ele também aponta “um tipo de erro ou imprecisão” em uma tabela apresentada na parte IV do capítulo III (“O suicídio egoísta (continuação)”) de *O suicídio*, sobre “as relações, nos diferentes departamentos franceses, entre o suicídio e o efetivo médio das famílias” (Durkheim 2000:244), que ele remete a uma tabela apresentada em nota de rodapé no texto de 1888 (Durkheim 1888:457 nota 1), concluindo que “parece que encontramos um tipo de erro ou imprecisão em Durkheim que não foi superado entre 1888 e 1897 [ou seja, entre as publicações do artigo e do livro]” (Johnson 1994:202 nota 76). Essas observações de Johnson (1994), apesar de não se referirem diretamente ao Quadro II, confirmam o fato de haverem erros de cálculo nos

textos de Durkheim que empregam estatísticas sobre suicídio, e demonstram o valor de conferir e corrigir os eventuais erros encontrados.

Período 1841-46	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes	Período 1849-55	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes	Período 1856-60	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes
A – Números absolutos								
1841	8,2	23,2	1849	10	27,3	1856	11,6	23,1
1842	8,3	24	1850	10,1	21,4	1857	10,9	23,7
1843	8,7	23,1	1851	10	22,3	1858	10,7	24,1
1844	8,5	22,1	1852	10,5	22,5	1859	11,1	26,8
1845	8,8	21,2	1853	9,4	22	1860	11,9	21,4
1846	8,7	23,2	1854	10,2	27,4			
			1855	10,5	25,9			
Médias	8,5	22,8		10,1	24,1		11,2	23,8
B – Taxa de cada ano expressa em função da média reduzida a 100								
1841	96,47058	101,75438	1849	99,0099	113,278	1856	103,57142	97,05882
1842	97,64705	105,26315	1850	100	88,79668	1857	97,32142	99,57983
1843	102,35294	101,31578	1851	99,0099	92,53112	1858	95,53571	101,2605
1844	100	96,92982	1852	103,96039	93,36099	1859	99,10714	112,60504
1845	103,52941	92,98245	1853	93,0693	91,2863	1860	106,25	89,91596
1846	102,35294	101,75438	1854	100,99009	113,69294			
			1855	103,96039	107,46887			
Médias	100	100		100	100		100	100
C – Tamanho da diferença								
		Entre dois anos consecutivos			Acima e abaixo da média			
		Diferença máxima	Diferença mínima	Desvio médio	Máximo abaixo	Máximo acima		
Período 1841-46	Mortalidade geral	8,77193	3,50877	4,91128	7,01755	5,26315		
	Taxa de suicídio	4,70589	1,17645	2,58823	3,52942	3,52941		
Período 1849-55	Mortalidade geral	24,48132	0,82987	9,9585	11,20332	13,69294		
	Taxa de suicídio	10,89109	0,9901	4,78547	6,03961	3,96039		
Período 1856-60	Mortalidade geral	22,68908	1,68067	9,55882	10,08404	12,60504		
	Taxa de suicídio	7,14286	1,78571	4,6875	4,46429	6,25		

Figura 4 – Versão corrigida do Quadro II de O suicídio: Resultado da refeitura de todos os cálculos envolvidos na obtenção dos valores apresentados nas partes “B” e “C” do Quadro II, padronizados para no máximo 5 casas decimais. Valores destacados em vermelho correspondem a resultados obtidos considerados incompatíveis com os valores originais de Durkheim. Apenas dois valores da “Parte C” do Quadro II original de Durkheim foram considerados compatíveis com os resultados de nossos cálculos. **Fonte:** elaboração própria a partir de Durkheim (2000:21).

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Françoise. 1990. The iconography of scientific texts: principles of analysis. In: Michael Lynch; Steve Woolgar (eds.). Representation in scientific practice. Cambridge: The MIT Press, p.187-229.
- BAUDELLOT, Christian; ESTABLET, Roger. 2011. *Durkheim et le suicide*. Paris: PUF.
- CARDIM, Carlos H. 2000. Prefácio: Le suicide, ou a possibilidade da sociologia. In: Émile Durkheim. *O suicídio: estudo de sociologia*. (Trad.: Monica Stahel) São Paulo: Martins Fontes, pp.xix-xxx.
- DURKHEIM, Émile. 1888. Suicide et natalité: étude de statistique morale. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger* 26:446-63.
- _____. 1897. *Le suicide: étude de sociologie*. Paris: Félix Alcan, p.12.
- _____. 1928. *El suicidio: estudio de sociología*. (Trad.: Mariano Ruiz-Funes) Madrid: Editorial Reus, p.12.
- _____. 1951. *Suicide: a study in sociology*. (Trads.: John A. Spaulding; George Simpson) Glencoe: The Free Press, p.49.

- _____. 1971. *El suicidio: estudio de sociología*. (Trad.: Lucila Gibaja) Buenos Aires: Schapire Editor, p.18-9.
- _____. 1977. *O suicídio: estudo sociológico*. (Trads.: Luz Cary; Margarida Garrido; J. Vasconcelos Esteves) Portugal/Brasil: Editorial Presença/Livraria Martins Fontes, p.18-9.
- _____. 1982. *O suicídio: estudo sociológico*. (Trad.: Nathanael C. Caixeiro). Rio de Janeiro: Zahar, p.21.
- _____. 1990 [1930]. *Le suicide: étude de sociologie*. Paris: Quadrige/PUF, p.12.
- _____. 1995. *El suicidio*. México D.F.: Ediciones Coyoacán, p.21.
- _____. 2000. *O suicídio: estudo de sociologia*. (Trad.: Monica Stahel) São Paulo: Martins Fontes, p.21.
- _____. 2002. *Suicide: a study in sociology*. (Trads.: John A. Spaulding; George Simpson) London: Routledge, p.xlviii-xlix.
- _____. 2005. *O suicídio*. (Trad.: Alex Marins) São Paulo: Martin Claret, p.21.
- _____. 2007. *Il suicidio: studio di sociologia*. (Trad.: Rosantonieta Scramaglia) Milano: BUR.
- _____. 2007. *Despre sinucidere*. (Trad.: Mihaela Calcan) Iasi: Institutul European, p.20.
- _____. 2012. *El suicidio: un estudio de sociología*. (Trad.: Sandra C. Martínez) Madrid: Ediciones Akal, p.18-20.
- _____. 2013. Il suicidio. In: *Opere*. (Trad.: Marie-José C. Tosi) Torino: UTET, pp.63.
- _____. 2016. *El suicidio: un estudio de sociología*. (Trad.: Sandra C. Martínez) Titivillus.
- EASTHOPE, Robert. 2017. *An analysis of Émile Durkheim's* On suicide. London: Routledge.
- ESTABLET, Roger. 2009. A atualidade de O suicídio. In: Alexandre Braga Massella (org.). *Durkheim: 150 anos*. Belo Horizonte: Argumentum, pp.131-55.
- FERREIRA DE VARES, Sidnei. 2017. O problema do suicídio em Émile Durkheim. *Revista do Instituto de Ciências Humanas* 13(18):13-36.
- HALBWACHS, Maurice. 1930. *Les causes du suicide*. Paris: Félix Alcan.
- HARRIFORD, Diane; THOMPSON, Becky. 2008. Émile Durkheim and embodiment in the age of the Internet. In: *When the center is on fire: passionate social theory for our times*. Austin: University of Texas Press, pp.155-77.
- JOHNSON, Barclay D. 1994. "Suicide and the birth rate, a study in moral statistics": a translation and commentary. In: David Lester (ed.). *Emile Durkheim: Le suicide one hundred years later*. Philadelphia: The Charles Press, p.115-204.
- KEMP, Martin. 2014. A question of trust: old issues and new technologies. In: Catelijne Coopmans; Janet Vertesi; Michael Lynch; Steve Woolgar (eds.). *Representation in scientific practice revisited*. Cambridge: The MIT Press, 343-46.
- LESTER, David (ed.). 1994. *Emile Durkheim: Le suicide one hundred years later*. Philadelphia: The Charles Press.
- MAGNELLI, André; GOMES NETO, Jayme; WEISS, Raquel. (orgs.). 2018. *Durkheim, apesar do século: novas interpretações entre sociologia e filosofia*. São Paulo: Annablume.
- MELO, Hygor P.M.; MOREIRA, André A.; BATISTA, Élcio; MAKSE, Hernán A.; ANDRADE JR.; José S. 2014. Statistical signs of social influence on suicides. *Scientific Reports [Nature]* 4:6239.
- MYERS, Greg. 1990. Every picture tells a story: illustrations in E.O. Wilson's *Sociobiology*. In: Michael Lynch; Steve Woolgar (eds.). *Representation in scientific practice*. Cambridge: The MIT Press, p.231-65.
- NUNES, Everardo D. 1998. O Suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. *Cadernos de Saúde Pública* 14(1):7-34.
- OLIVEIRA, Márcio de.; WEISS, Raquel (orgs.). 2011. *David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico*. Curitiba: Ed. UFPR.
- PICKERING, W.S.F.; WALFORD, Geoffrey (eds.). 2000. *Durkheim's Suicide: a century of research and debate*. London: Routledge.
- SELVIN, Hanan C. 1958. Durkheim's Suicide and political problems of empirical research. *American Journal of Sociology* 63(6):607-19.
- SMITH, Laurence D.; BEST, Lisa A.; STUBBS, D. Alan; JOHNSTON, John; ARCHIBALD, Andrea B. 2000. Scientific graphs and the hierarchy of the Sciences: a Latourian survey of inscription practices. *Social Studies of Science* 30(1):73-94.
- TAYLOR, Steve. 1982. *Durkheim and the study of suicide*. Macmillan Education.
- WRAY, Matt; COLLEN, Cynthia; PESCOLIDIO, Bernice. 2011. The sociology of suicide. *Annual Review of Sociology* 37:505-28.